AMOSTRA GRATUITA | Seleção da edição integral

CAMINHOS DE HEKATE

MAGIA DE LIMPEZA E PROTEÇÃO

Ervas, feitiços e rituais para cuidar de si e dos seus espaços



RODRIGO PIRES

AMOSTRA GRATUITA | Seleção da edição integral

Um grimório para cuidar dos limiares

Uma casa pode estar limpa e ainda pedir um gesto de renovação. Um objeto pode estar inteiro e já não pertencer ao caminho que você está vivendo. A magia de limpeza e proteção dá forma a essas passagens: recolhe, desfaz, delimita, consagra e sustenta. Este livro oferece matéria e método para esse trabalho, com começo, execução e encerramento definidos.

Aqui você encontrará ervas, água, luz, pedras, fios, chaves e palavras em operações completas. O gesto não serve apenas de cenário para uma intenção: varrer, atravessar, atar, aspergir e retirar são maneiras distintas de fazer magia. Escolha o rito pela necessidade e pelos recursos do seu espaço, não pela quantidade de ingredientes.

As receitas e invocações desta obra são composições contemporâneas, e não transcrições de fórmulas antigas. Correspondências variam entre autores e caminhos. As práticas devocionais são alternativas de relação com o sagrado, não exigências para realizar as demais operações.

Leia o trabalho até o encerramento antes de começar. Prepare o local para recolher materiais e mantenha crianças e animais afastados de chamas, fumaça, pequenos objetos e plantas. A forma sem fogo, sem fumaça ou sem contato com a pele não é uma prática menor: é uma escolha que permite realizar o rito com presença e responsabilidade.

Como escolher seu trabalho

Para retirar e renovar, comece pelas ervas, banhos e defumações dos capítulos 3 a 5. Para firmar uma guarda, explore luzes, pedras, símbolos e amuletos nos capítulos 6 a 10. Para acompanhar seus passos e sua relação com o sagrado, siga aos capítulos 11 a 14. O capítulo 15 ensina a manter e encerrar sem acumular ritos. Os 37 trabalhos são numerados para consulta, não como uma sequência obrigatória.

Rodrigo Pires • Caminhos de Hekate

Magia de Limpeza e Proteção

Primeira edição digital • 2026

Texto, organização e direção da coleção: Rodrigo Pires, com assistência editorial e visual de inteligência artificial.

Este volume reúne práticas autorais de magia contemporânea. Não estabelece filiação iniciática nem reproduz um sistema tradicional único. O cuidado mágico acompanha, e não substitui, as medidas concretas de segurança, higiene e saúde. Não utilize um ritual para adiar ajuda diante de perigo real.

As ilustrações são composições simbólicas. Para executar uma receita, siga as instruções escritas, as quantidades e o modo de uso, não a disposição artística dos objetos.

AMOSTRA GRATUITA | Sumário da edição integral

Sumário

Índice dos trabalhos 4

01 Limpar, banir e proteger 7

02 O altar e os instrumentos do cuidado 10

03 Ervas que varrem, acolhem e guardam 12

04 Banhos e águas de passagem 16

05 Fumaça, ar e renovação do ambiente 19

06 A luz que delimita 23

07 Pedras que recebem uma função 27

08 O sinal que organiza a força 31

09 Nós, bolsas e guardas de tecido 35

10 A casa como campo de passagem 39

11 A proteção que acompanha os seus passos 44

12 Hekate e a guarda dos limiares 48

13 A palavra que guarda e a escolha do caminho 52

14 Um ciclo completo de limpeza e proteção 54

15 A arte de manter, renovar e encerrar 56

Caderno do praticante 59

Correspondências e referências 64

AMOSTRA GRATUITA | Sumário da edição integral

Índice dos trabalhos

Consulte cada trabalho pelo nome e pela página. A numeração identifica o repertório, não uma sequência obrigatória: 29 feitiços, três rituais devocionais, um ritual composto, duas preparações e duas práticas auxiliares.

Preparação 01 Abertura do altar de limpeza 10
Preparação 02 Consagração do pano de passagem 11
Feitiço 03 Varredura de alecrim para renovar o altar 12
Feitiço 04 Pote de tomilho e laranja para recompor a casa 13
Feitiço 05 Folha de louro para selar um território 14
Feitiço 06 Caixa de rosas para velar o repouso 15
Feitiço 07 Banho de alecrim para uma passagem nítida 16
Feitiço 08 Banho de camomila para recompor o recolhimento 17
Feitiço 09 Bacia de passagem sem contato 17
Feitiço 10 Incensação breve de um altar encerrado 19
Feitiço 11 Leque de hortelã para renovar o limiar 20
Feitiço 12 Renovação pelo ar e pelo som 20
Feitiço 13 A luz que encerra uma passagem 24
Feitiço 14 Três pedras diante da luz 25
Feitiço 15 A chama e o espaço devolvido 26
Feitiço 16 A turmalina da soleira interior 28
Feitiço 17 Quartzo fumê para recolher a dispersão 28
Feitiço 18 Pedra de guarda para um objeto de ofício 29
Feitiço 19 O pentagrama do território cuidado 31
Feitiço 20 Sigilo de proteção escrito em camadas 32
Feitiço 21 O círculo de sal contido 33
Feitiço 22 A bolsa trançada de três ervas 35
Feitiço 23 A corda dos sete limites 37
Feitiço 24 A chave e o selo de cravo 38
Feitiço 25 O ramo e a varredura em espiral 39
Feitiço 26 Água de marcação para os quatro pontos 40
Feitiço 27 O tecido de recolhimento da casa 41
Feitiço 28 O nome entre duas margens 44
Feitiço 29 A fita que devolve o dia ao seu lugar 45
Feitiço 30 A chave da partida e do retorno 46
Ritual devocional 31 A chave dedicada à soleira 49
Ritual devocional 32 A guarda dos três limiares 50
Ritual devocional 33 A linha de Miguel 52
Feitiço 34 O círculo com uma porta 53
Ritual composto 35 Retirar, renovar e guardar 54
Prática auxiliar 36 Renovação de um objeto de guarda 56
Prática auxiliar 37 Liberação e recolhimento dos materiais 57

01 Limpar, banir e proteger



A limpeza mágica começa quando você reconhece que alguma coisa precisa mudar de lugar. Pode ser a poeira acumulada num altar, um objeto que atravessou muitas mãos, a atmosfera de uma casa depois de uma discussão ou o modo como você chega do trabalho e continua carregando aquele dia para dentro do quarto. Nem tudo pede um grande banimento. Muitas vezes, o gesto mais preciso é retirar o que se acumulou, devolver cada coisa ao seu lugar e consagrar novamente o espaço para aquilo que deve acontecer ali.

Na linguagem deste livro, limpar é desfazer acúmulos e preparar a matéria. Banir é dirigir uma retirada: algo deixa de ter lugar naquela operação, naquele objeto ou naquele território ritual. Proteger é estabelecer uma forma de permanência. São movimentos relacionados, mas diferentes. Uma janela aberta oferece passagem; uma porta fechada estabelece um limite; uma chave permite escolher quando abrir e quando fechar. Confundir esses movimentos costuma produzir trabalhos longos, cheios de ingredientes e pobres em direção.

Pense numa mesa coberta de papéis. Antes de reservar um lugar para uma vela, você precisa recolher o que não será usado. Depois escolhe o que ficará e organiza a superfície. Só então começa a consagração. A sequência revela uma lógica que atravessa o livro inteiro: retirar, preparar, estabelecer, sustentar. A proteção não precisa endurecer tudo. Uma casa protegida continua recebendo visitas, luz, afeto e novidades. O limite serve à vida que acontece dentro dele.

AMOSTRA GRATUITA | Seleção da edição integral

A intenção precisa caber numa frase

“Quero uma casa protegida” é um começo, mas ainda não indica o trabalho. Protegida para quê? Para dormir com tranquilidade, preservar a intimidade, separar o atendimento profissional da vida familiar, marcar uma mudança de residência? Uma frase mais nítida dá direção à escolha dos materiais. “Que este quarto seja lugar de repouso e recolhimento” pede outro gesto que “encerro aqui a influência desta discussão sobre o meu altar”.

Não é necessário formular a frase como um contrato. Ela precisa ser compreensível para você e compatível com aquilo que realmente pode realizar. Dê nome ao território e ao movimento desejado: retirar uma influência, selar um instrumento, firmar a soleira. Essa escolha permite reunir ingredientes que trabalham na mesma direção. A fórmula ganha corpo quando a palavra encontra uma operação correspondente.

Também vale separar a situação concreta da interpretação. Uma porta que não tranca precisa de reparo. Uma infiltração precisa ser localizada. Uma relação ameaçadora exige apoio e medidas reais. Você pode consagrar uma chave depois de instalar uma fechadura, ou realizar um rito de encerramento depois de sair de um ambiente difícil. O gesto mágico acompanha essa passagem; não serve para manter você no perigo enquanto espera que um objeto resolva tudo.

A matéria faz parte do feitiço

Neste grimório, as correspondências não são uma lista de propriedades imutáveis. São relações pelas quais uma matéria participa de uma operação. Um ramo pode varrer; uma fita pode delimitar; uma pedra pode ocupar um ponto de guarda; a água pode receber, atravessar e levar. A escolha ganha força quando o modo de usar o material conversa com o propósito.

O alecrim aparece em varreduras; o tomilho, em uma guarda que se constrói por camadas. A casca seca de laranja marca a renovação do ambiente, enquanto a roseira oferece pétalas para envolver o repouso. O louro participa do selo de um território, e a camomila entra numa água de recomposição. Não se trata de reunir o maior número de plantas. Cada matéria recebe um verbo, uma posição e um destino. As correspondências adotadas aqui pertencem às composições contemporâneas desta obra.

A quantidade também tem função. Um pouco de erva dentro de um envelope não precisa virar um monte espalhado pela casa. Um nó bem feito não precisa de dezenas de repetições para existir. Trabalhar com pouco ajuda a perceber o gesto, cuidar dos materiais e recolher o que sobrou. Você não está tentando impressionar a matéria; está dando a ela uma tarefa clara.

O tempo de um trabalho

A Lua minguante pode ser escolhida para ritos de retirada; a crescente, para consolidar uma proteção. A noite pode favorecer recolhimento, enquanto o começo da manhã ajuda a marcar uma renovação. Essas escolhas acrescentam linguagem ao rito, mas não precisam adiar um cuidado necessário. Uma mudança de casa, o fim de um atendimento ou a limpeza de um altar oferecem seus próprios momentos de passagem.

Antes de começar, decida quanto tempo o trabalho ficará ativo. Uma limpeza termina com o recolhimento. Um saquinho pode permanecer por sete dias antes de ser revisto. Um amuleto de porta

AMOSTRA GRATUITA | Seleção da edição integral

pode acompanhar um mês de uso e depois ser renovado ou encerrado. O prazo integra o desenho do trabalho: uma passagem termina no mesmo dia; uma guarda permanece até a renovação prevista. Anote a data de montagem para que o objeto não se torne um resto esquecido.

Você também pode trabalhar com um ciclo lunar inteiro. Monte uma guarda na crescente, observe sua conservação na cheia e recolha-a na minguante seguinte, se esse ritmo combinar com a finalidade. Para um rito de retirada, prefira um gesto concluído a uma operação deixada indefinidamente aberta. A última palavra deve ser tão deliberada quanto a primeira.

Um começo e um fim reconhecíveis

Um rito precisa de uma entrada. Ela pode ser tão simples quanto lavar as mãos, limpar a mesa, colocar os materiais e dizer em voz alta o que será feito. Esse pequeno intervalo separa a preparação cotidiana do trabalho mágico. Depois vem a operação: varrer, passar, atar, aspergir, traçar ou dedicar. Por fim, uma frase de conclusão devolve os objetos à condição de objetos e o praticante às suas atividades.

O encerramento não é uma nota administrativa no fim da receita. É parte do feitiço. Uma vela apagada com cuidado, uma água descartada no local correto, um pano lavado e um instrumento guardado dizem que a operação foi realizada. Não deixar restos em calçadas, árvores, rios ou encruzilhadas é também assumir responsabilidade pelo território que se pretende cuidar.

Ao longo dos próximos capítulos, cada trabalho terá uma forma própria. Alguns serão preparações, outros feitiços de limpeza, outros práticas devocionais ou rituais compostos. A numeração facilita a consulta; não é uma sequência obrigatória. Leia primeiro até o encerramento. Escolha um trabalho, prepare-o por inteiro e deixe espaço para perceber o que fez antes de procurar o seguinte.

AMOSTRA GRATUITA | Seleção da edição integral

Feitiço 24 A chave e o selo de cravo

A chave abre e fecha; o cravo-da-índia fornece a este trabalho uma marca pequena, firme e aromática. Juntos, compõem um amuleto para guardar a passagem entre o espaço público e a intimidade. Aqui a chave não será apenas envolvida numa erva: ela percorrerá duas posições antes de receber um selo vegetal separado, como uma fechadura portátil.

Materiais

- Uma chave antiga sem função atual, lavada e completamente seca.
- Três cravos-da-índia inteiros, identificados como Syzygium aromaticum.
- Dois quadrados de papel, um saquinho de algodão, lápis e uma pequena fita azul.

Use cravos inteiros, não pó nem óleo essencial. Eles ficarão embrulhados, sem tocar a pele e sem serem ingeridos ou queimados. A chave não pode ser necessária para acesso ou emergência. Guarde o amuleto longe de crianças e animais.

Num papel, desenhe uma porta aberta; no outro, uma porta fechada. Não precisam ser desenhos elaborados: um retângulo com uma linha inclinada basta para o primeiro, e um retângulo atravessado por um traço horizontal basta para o segundo. Disponha-os lado a lado. Coloque a chave sobre a porta aberta, com os dentes voltados para fora de você.

Segure a chave e gire-a um quarto de volta sobre o desenho, sem rasgar o papel. Diga: “Abro ao encontro que escolho.” Transfira-a para a porta fechada, agora com os dentes voltados para você. Faça o giro contrário e diga: “Fecho o que deve repousar.” Repita a passagem completa mais uma vez. A chave aprende ritualmente dois movimentos, não uma única ordem de fechamento.

Dobre o papel da porta aberta e guarde-o no fundo do saquinho. Sobre o desenho da porta fechada, disponha os três cravos em pequeno triângulo, sem espetá-los no papel. Diga: “Cravo, firma o selo; chave, governa a passagem.” Dobre o papel sobre os cravos, formando um pacote. Prenda-o com a fita azul e coloque-o no saquinho, ao lado da chave. Feche a abertura com um nó fácil de desfazer.

Conserve o amuleto num compartimento pessoal seco. Na primeira saída depois da consagração, segure o saquinho antes de partir e diga “abro”; ao retornar, diga “fecho”. Depois dessa estreia, a peça pode permanecer guardada. O perfume não mede a duração do trabalho, e não deve ser reforçado com óleo.

Ao completar vinte e oito dias, abra os dois papéis e agradeça à chave e ao cravo. Separe as plantas para o resíduo orgânico apropriado e o papel limpo para reciclagem. Lave e seque o tecido; limpe a chave conforme seu material. Para renovar, refaça os desenhos e substitua os cravos. Para encerrar definitivamente, deixe a chave sobre o saquinho aberto por alguns instantes e diga: “A passagem está livre desta dedicação.” Guarde-a então sem o selo.